

O ÚLTIMO DITADOR SANGUINÁRIO

(Jornal do Brasil – 20/02/2008)

Fidel Castro renunciou. É o último ditador sanguinário que desaparece da cena política. Nos meus tempos de estudante, na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, todos nós acompanhamos as centenas de fuzilamentos, que promoveu sem julgamento, nos famosos “paredons”, de adversários ideológicos. Neste ponto, nivelou-se a Pinochet, Hitler e Stálin. Durante 49 anos manteve a ilha que governou em plena ditadura. Mesmo quando os países latino-americanos foram se libertando do autoritarismo, manteve seu regime totalitário e tirânico, inclusive perseguindo, aprisionando ou até condenando à morte, em alguns casos, cubanos que pretenderam sair do país.

Sob seu comando, Cuba progrediu menos do que o Chile, governado por um outro ditador, também sanguinário.

Até hoje o desenvolvimento da ilha é medíocre. Auxiliada pela antiga União Soviética, enquanto este conglomerado de países teve forças, tornou-se uma das economias mais atrasadas, entre os países emergentes de relevo.

Por ser um ditador de esquerda, seus crimes contra a humanidade, na década de 50, foram esquecidos; a sua ditadura, em tempos de democracia continental, jamais criticada; e o fracasso de sua economia, que ainda vive do auxílio de seus vizinhos, pouco citada.

Com seu afastamento definitivo do poder, o mundo inteiro espera que venha seu irmão permitir a abertura do regime, com respeito ao direito dos cubanos de entrar e sair de seu país, e a realização de eleições livres, com mais de um partido. As ditaduras nunca se eternizam, razão pela qual um sopro de esperança pode estar atingindo a bela ilha caribenha, tornando, novamente, a América um continente formado só de democracias.